



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA**

ANNE CHRISTINE DE LIMA ROCHA

BULLYING: reflexões e desdobramentos no cotidiano escolar

**GUARABIRA
2017**

ANNE CHRISTINE DE LIMA ROCHA

BULLYING: reflexões e desdobramentos no cotidiano escolar

Trabalho de conclusão de curso apresentado á Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante

GUARABIRA
2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R672b Rocha, Anne Christine De Lima
Bullying [manuscrito] : reflexões e desdobramentos no cotidiano escolar / Anne Christine de Lima Rocha. - 2017. 25 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017. "Orientação: Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, Departamento de Humanidades".

1. Bullying Escolar. 2. Agressão. 3. Preconceito. I. Título.

21. ed. CDD 371.58

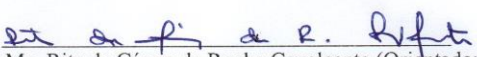
ANNE CHRISTINE DE LIMA ROCHA

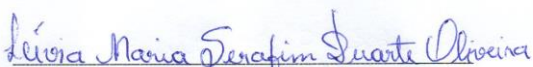
BULLYING: reflexões e desdobramentos no cotidiano escolar

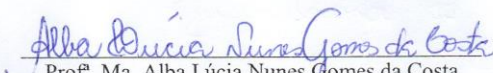
Artigo apresentado à Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do título de Graduado em Pedagogia.

Aprovada em: 28/04/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof. Ma. Rita de Cássia da Rocha Cavalcante (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Livia Maria Serafim Duarte Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Ma. Alba Lúcia Nunes Gomes da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao longo dos seis anos de curso, minha irmã querida, Alexsandra de Lima Rocha Justino, nunca me abandonou, principalmente nas horas em que precisei, sempre me dando apoio. Se hoje estou chegando ao fim dessa jornada, agradeço grandemente a ela, que sempre me deu conselhos para nunca desistir e sempre lutar pelo que quero. Pensei que nunca chegaria até aqui, mas Deus é tão maravilhoso que me fez concluir, com muita dedicação e força de vontade, o Curso de Pedagogia. Por isso, a minha irmã, pela dedicação, pelo companheirismo e pela amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por permitir que eu concluísse o curso;

A Rita de Cássia da Rocha Cavalcante, coordenadora do Curso de Pedagogia e minha orientadora querida, por seu empenho, dedicação, atenção e carinho;

Ao meu pai querido, Antônio Rocha Neto, e a minha mãe, Josevilma de Lima Rocha, que sempre sonharam com minha formação acadêmica;

Em especial, a minha irmã, Alexsandra de Lima Rocha Justino, que sempre me aconselhou a nunca desistir dos meus sonhos nem do Curso de Pedagogia.

Obrigada a todos, de coração!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. DESENVOLVIMENTO.....	09
2.1. Critérios para definir bullying.....	10
2.2. Quem são os envolvidos no bullying?.....	10
2.3. Consequências do bullying.....	13
2.4. O que fazer diante do bullying.....	15
2.5. O que é o cyberbullying.....	18
2.6. Casos de bullying.....	20
3. Considerações finais.....	22
4. Referências.....	24

BULLYING: reflexões e desdobramentos no cotidiano escolar

ANNE CHRISTINE DE LIMA ROCHA¹

RESUMO

Este artigo tem o objetivo de esclarecer dois fenômenos ainda pouco conhecidos, repercutidos e presentes nas escolas: o bullying escolar e o cyberbullying. Há pesquisas que demonstram que a agressão entre alunos, físicas ou morais, trazem consequências sérias, tanto para quem as comete quanto para suas vítimas. Embora os depoimentos indiquem que jovens que sofreram bullying conseguiram superar possíveis traumas, cabe aos pais e às escolas a responsabilidade de cuidar das crianças e de promover a prevenção do bullying. Concluímos que a prevenção ao bullying, através da tomada de providências, pode impedir o crescimento da violência escolar entre crianças e jovens.

Palavras-chave: Bullying escolar. Agressão. Preconceito.

1 INTRODUÇÃO

A violência é um dos grandes males que vem acontecendo no mundo. Porém, pode ser controlada e até evitada se houver participação e empenho da parte de todos. O interesse em mudar os rumos em que vivemos fará com que exista uma transformação real e significativa na vida das pessoas. No que diz respeito ao Brasil, o fenômeno bullying é uma realidade inegável nas escolas brasileiras, independentemente do turno de estudo, da localização da escola e do tamanho, rede de ensino ou da série estudada (FANTE, 2005).

Devido à sua incontestável relevância, esse tema vem despertando um interesse crescente nos meios acadêmicos, por se tratar de uma questão de abrangência multidisciplinar, que envolve diferentes ramos de atividade, como a educação, a saúde e a área jurídica. Esse artigo trata do bullying escolar e visa contribuir para que se possa compreender esse fenômeno e alguns de seus desdobramentos.

Não existe uma tradução exata para a palavra bullying, que é de origem inglesa e adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar outra

¹ Aluna do Curso de Graduação em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: anne_rocha84@hotmail.com

pessoa e colocá-la sob tensão. Esse termo conceitua os comportamentos agressivos e antissociais e é utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre a violência escolar (idem, ibidem, 2005).

O bullying escolar, tema tratado aqui, é uma forma de violência caracterizada por agressões físicas ou morais entre alunos, sejam crianças ou adolescentes, no interior das escolas. Qualquer forma de intimidação, que seja repetitiva, com o mesmo alvo, é considerada bullying. O autor, a vítima ou a testemunha se comprometem, de algum modo, com esse tipo de violência, que traz sérios danos para eles. Até o autor, que é chamado de agressor, sofre demasiadamente com as consequências dos seus atos, e a origem das suas atitudes só demonstra que ele também é uma vítima da violência, a familiar.

A escola é um ambiente onde se esperam crescimento, aprendizado e valores, e não, qualquer forma de violência. A expectativa sempre será a de que a instituição de ensino controle seus alunos, através da disciplina, da educação e da orientação, para lhes garantir um espaço seguro. Nesse sentido, entendemos a importância de apresentar alguns esclarecimentos sobre o bullying escolar e de apontar as consequências e as formas de prevenção. Abordaremos a responsabilidade dos pais, dos professores e do Estado e a existência de programas que visem evitar esse tipo de violência, norteando o jovem para a conscientização dos seus atos e o valor de sua contribuição no ambiente educacional.

O cyberbullying é mais um tipo de violência do bullying muito presente nas escolas e fora dela. É praticado através de aparelhos eletrônicos e transmitido por meio das redes sociais. O acesso às vítimas é mais fácil para os agressores cuja maioria tem um aparelho eletrônico, como computador, tablet e aparelho celular.

Assim, considerando esses aspectos, o objetivo deste trabalho é de trazer considerações sobre o bullying e o cyberbullying que acontecem nas escolas, de apontar seus desdobramentos no cotidiano escolar e de lançar elementos para uma possível reflexão dos educadores para que contribuam para a superação dessa prática de violência recorrente no âmbito educacional. Entendemos que, através de palestras, reuniões e debates com os pais e os alunos, poderemos promover uma nova cultura de respeito às pessoas - condição primeira para se prevenir o bullying escolar. Nossa intenção é de alertar, principalmente, os alunos sobre essa prática e suas consequências para o presente e o futuro deles.

2. DESENVOLVIMENTO:

2.1. CRITÉRIOS PARA DEFINIR BULLYING

Segundo Fante (2005, p. 28-29), três critérios importantes devem ser considerados para que seja possível identificar corretamente os casos de bullying escolar:

- Ações repetitivas contra a mesma pessoa num período prolongado de tempo;
- Desequilíbrio de poder, que dificulta a defesa da vítima;
- Falta de motivos que justifiquem os ataques.

Olweus (1993) aponta duas maneiras como o bullying pode ocorrer: o bullying direto e o indireto. O direto envolve ataques de um estudante contra outro, incluindo palavras, gestos, expressões faciais e contato físico. O indireto implica a exclusão da vítima de seu grupo de pares, fazendo com que tenha problemas para fazer novos amigos em sua sala de aula. Há uma clara associação entre as duas maneiras, pois os alunos que sofrem bullying direto geralmente são isolados e rejeitados por seus pares.

Martins (2005), baseando-se nos vários autores sobre o tema, insere os comportamentos de bullying em três categorias, a saber: **direto e físico**: inclui bater ou ameaçar fazê-lo; dar pontapés, roubar ou estragar objetos que pertencem aos colegas, extorquir dinheiro ou ameaçar fazê-lo, forçar comportamentos sexuais ou ameaçar fazê-lo, obrigar ou ameaçar os colegas para fazerem tarefas contra sua vontade; **direto e verbal**: insultar, fazer gozações, fazer comentários racistas, salientar qualquer característica ou deficiência de um colega de forma negativa; **indireto**: envolve situações como excluir alguém sistematicamente do grupo de pares, ameaçar, com frequência, a perda da amizade ou a exclusão do grupo como forma de obter algo do outro ou de retaliar uma suposta ofensa prévia, espalhar boatos sobre os atributos ou conduta de alguém com vistas a destruir sua reputação, em suma, manipular a vida social dos pares.

Silva (2010) assevera que o bullying virtual, ou cyberbullying, ocorre por meio de ferramentas tecnológicas, como celulares, filmadoras, internet etc. Estudos revelam um predomínio dos meninos sobre as meninas como praticantes de bullying. No entanto, como os meninos usam mais a força física, suas atitudes são mais visíveis. Já as meninas costumam praticar bullying mais na base de intrigas, fofocas e através de isolamento entre as colegas, que podem passar despercebidas. Convém lembrar, ainda, que a linguagem não verbal é utilizada através de olhares intimatórios, qualificantes e aterrorizadores (FANTE, 2005).

2.2. Quem são os envolvidos no bullying?

Para Fante (2005), o agressor é aquele que vitimiza os mais fracos. O agressor de ambos os sexos costuma ser um indivíduo que manifesta pouca empatia. Frequentemente, é membro de família desestruturada, em que há pouco ou nenhum relacionamento afetivo. Normalmente se apresenta mais forte do que seus companheiros de classe e suas vítimas em particular; pode ter a mesma idade ou ser um pouco mais velho do que suas vítimas; pode ser fisicamente superior nas brincadeiras, no esporte e nas brigas, sobretudo quando se trata de meninos.

Contudo, questionamos: será que o agressor é sempre aquele que vitima o mais fraco? No meu ponto de vista, não. Entendemos que ele procura aquelas pessoas que se sentem ameaçados por eles, como se o agressor quisesse livrar-se dele de alguma maneira ou prejudicá-lo. Alguns podem procurar os pontos mais fracos de suas vítimas para atingi-los por apelidos maldosos ou brincadeiras não permitidas pela vítima.

A pesquisadora segue afirmando que, no bullying, quase todos os alvos são os alunos considerados pela turma como diferentes. Eles são tímidos, passivos, submissos, ansiosos, teimosos, têm dificuldades de se defender, de se expressar e de se relacionar. Além disso, as diferenças de raça, religião, opção sexual, desenvolvimento acadêmico, sotaque, maneira de ser e de se vestir parecem perfilar o retrato das vítimas.

As crianças ainda têm muito medo e não entregam os colegas, mesmo não concordando com o bullying que, segundo a autora, é uma realidade mais comum do que podemos imaginar e sempre existiu, mas não era estudado. Quando acontecia, a vítima sofria calada, pedia para sair ou mudava de escola ou de cidade. No ambiente de trabalho, quando a vítima não aguentava, pedia para mudar de setor ou se demitia. Todos achavam tudo muito comum. Chegavam até a atribuir a culpa do bullying às próprias vítimas.

O que acontece com as vítimas, muitas vezes, é responsabilidade dos pais. Embora eles aleguem falta de tempo e de atenção aos novos valores dos jovens, o que ocorre, em grande número de situações, é que se omitem de seus deveres de educar os filhos e tentam delegar essa missão ao sistema de ensino, que já está sobrecarregado por uma série de fatores próprios. Ou seja, não há como o sistema escolar executar bem suas funções e as dos familiares simultaneamente (PEDRA, 2008). Convém ressaltar que os pais não são os únicos culpados, já que muitos os adolescentes e até crianças começam a praticar o bullying dentro da escola.

Fante (2005) refere que os envolvidos nas situações de bullying podem desempenhar os papéis de: **vítima típica**: aquela que serve de bode expiatório para um indivíduo,

geralmente pouco sociável, que sofre repetidas agressões sem dispor de recursos, status ou habilidades de reação para fazer cessar tais agressões; **de vítima provocadora:** a que provoca e atrai reações agressivas sem conseguir lidar com as consequências; pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; é, de modo geral tola, com costumes irritantes e, quase sempre, responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra; **vítima agressora:** a que reproduz os maus-tratos sofridos e que, como passou por situações de sofrimento na escola, tende a agredir indivíduos mais frágeis do que ela e transfere os maus-tratos, perpetuando a violência e expandindo o número de vítimas; **agressor:** o que vitimiza os mais frágeis, costuma manifestar pouca empatia e sente necessidade de dominar e de subjugar os outros; manifesta necessidade de conseguir, por meio de ameaças, o que se propõe; tende a ser impulsivo e ter baixa resistência a frustração. Segundo a autora, o agressor é aquele que vitimiza os mais fracos. Todos os agressores visam às vítimas mais fracas e que lhes propõem algum tipo de ameaça; **espectador:** é o aluno que presencia o bullying, porém não o sofre nem o pratica. Representa a maioria dos alunos que convive com o problema e adota a lei do silêncio.

O comportamento de uma criança revela a maneira como os pais a tratam em casa. Talvez ela não tenha a atenção de que precisa ou que deveria ter.

Calhau (2009) fala que o coagressor é o que não é o agressor principal, mas que estimula brigas, ri das vítimas, maltrata-as, fisicamente e verbalmente, e ajuda a difamá-las e a humilhá-las.

O comportamento agressivo e violento de muitos pais para com os filhos geralmente se expressa pela punição ou violência física (bater, beliscar, empurrar, chutar) e pela violência psicológica (xingar, humilhar, agredir com palavras, desfazer, comparar, caçoar). Entretanto, outras formas de violência como o abandono, a negligência, a violência fatal são componentes da violência doméstica, e suas consequências são extremamente perniciosas na vida de uma criança. (FANTE, 2005, p.177)

O autor acrescenta que os coagressores, apesar de não se inserirem no papel do agressor principal, amontoam-se na plateia e estimulam as brigas, riem dos maus-tratos e ajudam a propagar os boatos sem se importar com os sentimentos da vítima. São responsáveis por ajudar a disseminar difamações e conteúdos humilhantes na internet e inserem-se como membros de grupos ou comunidades.

Dan Olweus (2005) e Fante (2005, p.170) orientam que, para saber se um aluno é vítima de bullying, os professores devem observar se apresenta os seguintes comportamentos:

- Isola-se durante o recreio ou procura estar perto de um adulto;
- Apresenta dificuldade de falar diante da turma demonstrando ansiedade;
- É o último a ser escolhido para jogos em equipe;
- Apresenta, comumente, contrariedade, tristeza, depressão ou aflição;
- Apresenta desleixo gradual com as tarefas escolares;
- Apresenta contusões, feridas, cortes, arranhões e roupa rasgada;
- Falta às aulas com certa frequência;
- Perde constantemente seus pertences.

Fante (2005) afirma que o comportamento da criança que sofre bullying, às vezes, é diferente do das outras. Muitas ficam caladas, afastam-se dos outros colegas, andam sozinhas, estão sempre tristes, com as roupas desleixadas, faltam às aulas com frequência e desejam mudar de escola para ficar longe do agressor.

2.3. Consequências do bullying

Sob o ponto de vista de Silva (2010), as consequências do bullying escolar são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, de sua estrutura, de suas vivências, da predisposição genética e da forma e da intensidade das agressões. No entanto, causa sofrimento a todas as vítimas, em maior ou menor proporção. Muitas delas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta e necessitarão de apoio psicológico para superá-las.

Tudo tem consequências, e para o bullying, elas são dolorosas e difíceis de superar, pois as agressões deixam a vítima com algum trauma, que sempre vão ser lembrados. Fante (2005) afirma que as consequências relativas ao bullying são inúmeras, a depender de como recebem as agressões e de como reagem em relação aos agressores, e podem ocasionar desinteresse pela escola, prejudicar a aprendizagem, provocar queda no rendimento escolar, absentismos e evasão. A autora menciona também problemas psicossomáticos, transtorno de pânico, depressão, anorexia e bulimia, fobia escolar, fobia social, ansiedade generalizada e agravamento de problema preexistente, devido à continuidade da exposição estressora a que a vítima é submetida. Nos casos mais graves, podem ser observados quadros de esquizofrenia, homicídio e suicídio.

As consequências do bullying não alcançam apenas as vítimas, já que os agressores e as testemunhas também ficam sujeitos aos seus efeitos. O agressor tende a experimentar a sensação de consolidação de suas condutas autoritárias e tem como possíveis consequências o distanciamento e a falta de adaptação aos objetivos escolares e à valorização da violência como forma de obter poder, o que poderá implicar futura delinquência. Além do mais, as condutas violentas podem se projetar para a vida adulta e provocar dificuldades de conviver nas diversas esferas da vida pessoal, profissional e social.

No Brasil, o ensino vem passando por uma fase muito difícil. Os atuais alunos não estão habituados a respeitar limites, e isso já começa em casa, onde alguns pais não fazem sua parte. As crianças fazem o que querem, e quando chegam à escola, reproduzem esses comportamentos. Até bem pouco tempo, o aprendizado do conteúdo programático era o único valor que importava e interessava na avaliação escolar. Hoje, é preciso dar destaque à escola como um ambiente onde as relações interpessoais são fundamentais para o crescimento dos jovens e contribuem para educá-los para a vida adulta, por meio de estímulos que ultrapassam as avaliações acadêmicas tradicionais, como testes e provas, para que haja um amadurecimento adequado. Os jovens necessitam que profundas transformações ocorram no ambiente escolar e no ambiente familiar. Essas mudanças devem definir papéis, funções e expectativas de todas as partes envolvidas no contexto educacional.

Além de sobrecarregados por causa da omissão educacional de alguns pais, o sistema escolar enfrenta novos desafios, mais e mais funções para os professores, aumento da violência social e provocada pelo bullying. Menos diálogo, mais conflitos. Ser professor é muito difícil, pois se exige cada vez mais do profissional e pouco se faz para melhorar suas condições de trabalhos. O bullying acaba sendo mais um problema, um círculo vicioso no ambiente escolar, em que os agressores sempre tentam arrastar mais vítimas para o seu campo de ação. O problema cai, quase sempre, nas mãos dos professores, porquanto são eles que têm o primeiro contato com o problema - ora são procurados pelas vítimas, ora percebem que um conflito está no ar. O sofrimento emocional, moral e até físico das vítimas, eventualmente, são patentes. É comum que a vítima mantenha a lei do silêncio, pois, na maioria das vezes, as agressões são apenas morais e não deixam vestígios. Ela tem medo e vergonha de falar sobre as humilhações e, em muitos casos, teme que o problema se agrave se se tornar público.

Sabendo dessa violência minada que se encerra em sala de aula, o professor deve estar atento às brincadeiras, aos apelidos ou às chacotas, que podem ser simples momentos de descontração ou servir de ferramentas sutis de agressão psicológica. Outro dado importante diz respeito ao silêncio e à timidez de algumas vítimas e às características do bullying, que

requerem, com urgência, a perspicácia do professor. Nesse contexto, é um desafio tanto para a escola quanto para a família identificarem esse ato. O professor deve, então, ser cauteloso e produtivo, no sentido de orientar seus alunos quando houver sinais de bullying.

É importante ressaltar que a criança e o adolescente agressores também são vítimas, quando lhes faltam orientação e educação sobre o respeito pelo outro e deixam de ser atendidas em suas necessidades de cuidado quando não são ouvidas sobre suas dificuldades ou possível sofrimento. Antes de tudo, a agressividade na criança é um sintoma de algo que não está bem, por isso ela deve ser ajudada.

Isso significa dizer que, de forma quase “natural”, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados. (SILVA, 2010) [Grifos do original]

Para o autor, o agressor prefere vitimizar os mais frágeis e, geralmente, escolhem os que demonstram fraqueza, porque, para ele, é importante se sentir superior. Dessa forma, a violência é promovida e praticada repetidas vezes.

2.4. O que fazer em situações de bullying?

Em casos em que se configure o bullying, a ação para combatê-lo deve ser feita em conjunto com a família, a escola, o poder público e a sociedade de um modo geral. No que diz respeito ao âmbito familiar, os pais precisam estar atentos aos seus filhos, para atender às suas necessidades, orientá-los sobre sua conduta, contribuir para elevar sua autoestima e ensiná-los a administrar as relações com as outras pessoas e respeitar o direito dos outros.

Mello (2005) alerta para a importância de se inserir no currículo escolar a aprendizagem não apenas dos conhecimentos em si, mas também de atitudes necessárias para a vida, como: cooperação, ação positiva para a resolução de conflitos e problemas, postura firme de resistência e segurança para a tomada de decisões. De acordo com essa autora, o educador deve estar atento às atitudes de agressão, que prejudicam o desenvolvimento e fazem com que as vítimas fiquem mais sujeitas a desenvolver posturas menos ativas diante dos problemas.

De acordo com Monteiro (2011), o bullying envolve duas pessoas que não estão bem, portanto merecem ser tratadas, e a escola deve se comprometer com a prevenção. Como adultos, temos o péssimo hábito de subavaliar a capacidade das crianças de compreenderem

os fatos que acontecem ao seu redor. Elas são muito mais espertas do que imaginamos e acompanham o que ocorre ao seu redor pela curiosidade natural da idade. Por essa razão, devem ser orientadas, pois se ficam expostas a um ambiente onde ocorrem atos de bullying, podem passar a reproduzir futuramente essas condutas negativas por não terem sido orientadas adequadamente.

Nós, adultos, temos o dever de estar atentos ao que as crianças fazem tanto na escola quanto em casa. Muitas vezes, os pais não têm a simples noção do que o filho está precisando, porquanto não enxergam o que vem acontecendo. Às vezes, um carinho, uma conversa ou até uma atenção exclusiva para eles. Convém enfatizar que a atenção de que tanto precisam é uma forma de saber o que acontece na vida da criança e o que ela vive em seu dia a dia.

Chalita (2008) assevera que a criança vai observando um conceito de homem ou de mulher que não se coaduna necessariamente com a realidade. Repete esse aprendizado na escola, julgando como imagina ser o correto, com base no que percebeu dos pais. Nesse contexto, zelar para que não sejam autoras nem vítimas expostas a atos de bullying é fundamental para que não se tornem adultos agressivos e problemáticos.

Pessoas que sofrem bullying quando crianças são mais propensas a sofrerem depressão e baixa autoestima quando adultos. Da mesma forma, quanto mais jovem for a criança frequentemente agressiva, maior será o risco de apresentar problemas associados a comportamentos antissociais em adultos e a perda de oportunidades, como a instabilidade no trabalho e relacionamentos afetivos pouco duradouros. (LOPES NETO, 2008 p. 46 e 47)

Simmons (2004) questiona se os agressores do sexo masculino são mais violentos do que os do sexo feminino em relação ao bullying escolar. Nem tanto. O que ocorre é que os tipos de agressão são bem diferentes. Como regra geral, os agressores utilizam mais a força física, e as agressoras, os ataques morais, como, por exemplo, espalhar fofocas, inventar mentiras, colocar apelidos, arquitetarem pequenos complôs para humilhar a vítima perante as colegas, proibir o acesso a grupinhos na escola etc.

Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão a normas, não aceitam ser contrariados ou frustrados e, geralmente, estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismos, destruição do patrimônio público ou privado. O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário. No entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. As agressões praticadas por meninas não envolvem a força física, mas são bem mais elaboradas, complexas, com grande potencial de dano moral e psicológico e muita dor para as vítimas.

Existe uma cultura oculta da agressividade nas meninas, em que o bullying é epidêmico, característico e destrutivo. Não é marcado pelo comportamento físico e verbal direto, que predomina nos meninos. Nossa cultura nega às meninas o acesso ao conflito aberto e impõe a agressividade de formas não físicas, indiretas, dissimuladas. As meninas usam a maledicência, a exclusão, a fofoca, apelidos maldosos e manipulações para infligir sofrimento psicológico nas vítimas.

Para a autora, algumas agressões alternativas são invisíveis aos olhos dos adultos. Para se esquivarem da desaprovação social, as meninas se escondem sob uma fachada de doçura para se magoar mutuamente em segredo. Elas passam olhares dissimulados e bilhetes, manipulam silenciosamente o tempo todo, encurralam-se nos corredores, dão as costas, cochicham e sorriem. Esses atos, cuja intenção é de evitar que sejam desmascaradas e punidas, são epidêmicos em ambiente de classe média, em que as regras de feminilidade são mais rígidas. As agressões das meninas, nesse contexto, são mais bem trabalhadas (racionalizadas) e, embora não sejam praticadas com força física, visam atingir devastadoramente suas vítimas.

A responsabilidade legal da instituição no bullying escolar existe claramente para os atos de bullying praticados dentro do estabelecimento. Os atos praticados fora do estabelecimento requerem uma análise da prova, que deverá ser conclusiva de que se trata de uma extensão de atos de bullying praticados também dentro da escola. Isso significa que os atos podem praticados sem violência, dentro da escola, e com violência, fora dela.

Calhau (2009) criou um procedimento simples, objetivo e prático sobre como agir em situações de bullying e o dividiu em três possíveis fases:

1 - Converse com a direção da escola; leve duas testemunhas, de preferência; haja com educação e seja firme; narre o fato e peça providências; dê um prazo razoável para que a escola resolva o assunto e anote tudo o que foi falado e combinado; caso seja possível, peça à direção da escola para redigir uma ata com os pontos que foram tratados. Porém, se essa for a primeira ocorrência, não é necessário fazê-lo. A maioria das reclamações termina nessa fase, pois, quando são identificados, os agressores preferem não continuar;

2- Se não resolver, protocole uma reclamação por escrito; narre, de forma pormenorizada, as agressões com data, local e nome dos autores e informe que já foi à escola em data anterior com a mesma reclamação e que o problema não foi solucionado; peça providência, porque a escola está ali para ajudar ao seu filho;

3- Se o problema não for solucionado, procure o Conselho Tutelar ou o Ministério Público e apresente o recibo com o dia do protocolo. É recomendável que você consulte um

advogado de sua confiança para tratar das providências que poderão ser tomadas caso o problema não seja resolvido.

2.5. O que é cyberbullying?

Maldonado (2011) explica que o cyberbullying ocorre com a utilização de meios eletrônicos como instrumento de agressão no bullying. É um dos desafios para as autoridades brasileiras, embora muitos avanços tenham ocorrido nos últimos dois anos para punir seus realizadores. Essas agressões ocorrem no mundo virtual, ou seja, no ciberespaço, que é uma gigantesca praça pública, onde há encontros de pessoas de qualquer lugar do mundo e pode contribuir para melhorar as habilidades de comunicação e facilitar sobremaneira o compartilhamento de informações em forma de textos, vídeos, música, instrumentos de pesquisa, jogos e infinitas formas de entretenimento. Funciona, também, como uma imensa vitrine para os criadores de conteúdo mostrarem e divulgarem seus trabalhos.

Infelizmente, muitas pessoas continuam sendo vítimas desse tipo de bullying, porque ele dá uma falsa sensação para o agressor de impunidade no ciberespaço, porquanto ele, geralmente, não se identifica ou, quando o faz, utiliza apelidos que dificultam a apuração da autoria dessas agressões. Outras vezes, cria um perfil falso (fake) para tentar ludibriar as autoridades.

Outro fator a registrar é que, em um grande número de casos, as agressões são praticadas por pessoas conhecidas e, em algumas circunstâncias, até do círculo íntimo das vítimas, que o fazem de forma covarde, motivadas por inveja. Algumas pessoas são vítimas de cyberbullying só porque se destacam em sua sala, no trabalho ou no meio social. O cyberbullying também pode ocorrer com o envio de mensagens por celulares, salas de bate-papo, blogs, e-mail e redes sociais. Em todos os casos aqui citados, depois de uma produção mínima de provas, o Poder Judiciário pode determinar a quebra do sigilo da origem das agressões. Isso é importante, porque, se residirem diversas pessoas em uma casa, e todas utilizarem o mesmo computador, será possível identificar as que utilizaram a internet para praticar o bullying.

Carpenter e Christofer (2011) afirmam que existem oito tipos de cyberbullying, a saber: assédio (quando há ofensa repetida); difamação (quando o agressor fere a honra da vítima); despersonalização (o agressor se faz passar pela vítima); trapaças (busca atingir os relacionamentos sociais da vítima); uso de informações pessoais (quando o agressor espalha

informações pessoais da vítima confidenciais a amigos); exclusão ou cyberostracismo (quando a vítima é bloqueada por seus contatos e impedida de enviar mensagens instantâneas ou e-mails para eles) e exposição indevida (fotografias e vídeos comprometedores de uma vítima são postados on-line).

Aos primeiros sinais de que uma criança ou adolescente pode estar sofrendo cyberbullying, é importante que os pais ou responsáveis acompanhem de perto o seu dia a dia na escola, para que possam descobrir rapidamente se estão sendo vítimas de bullying (ou praticando). Infelizmente, uma grande parte dos pais não vai às reuniões da escola e deixa de acompanhar o que está acontecendo no ambiente escolar e interagir com outros pais.

Beane (2010, p131), especialista no tema, alerta para os seguintes sinais de que a criança ou o adolescente está sendo vítima de bullying:

- visita sites que promovem rumores maldosos;
- parece estar perturbado/a, irritável ou emotivo/a depois de passar algum tempo no computador.

É importante, pois, acompanhar o que a criança faz no computador, quais suas amizades, como é seu comportamento no dia a dia e as mensagens no celular e consultar seu e-mail, sempre que for preciso. É de fundamental importância que os pais dialoguem abertamente com seus filhos sobre o cyberbullying. Isso se justifica porque as crianças e os adolescentes vivem em um verdadeiro mundo digital extremamente tecnológico, atraente e dinâmico e passam na rua com equipamentos eletrônicos, conectados permanentemente à internet. Os agressores dessa nova realidade social procuram atacar suas vítimas de forma muito mais dolorosa. Se, no bullying comum, a vítima pode estar protegida dentro de sua casa, no cyberbullying, isso não ocorre. Não há mais obstáculos de espaço e de tempo, e as agressões podem ser transmitidas a qualquer tempo ou para dentro de sua casa, pois elas chegam através dessa mídia eletrônica.

Fante (2006) e Pedra (2006) entendem que o papel da escola é de orientar seus alunos a usarem, de forma responsável e ética, os recursos tecnológicos e de estarem atentos aos perigos que podem representar. Igualmente importante é conscientizar os pais dos alunos por meio de textos, cartilhas, palestras, para que possam orientar seus filhos e observar suas ações e reações como usuários das modernas ferramentas tecnológicas. A escola deve alertar os alunos a não darem informações a estranhos, como senhas e fotografias pessoais e familiares, número de conta bancária, cartões de crédito e de telefones, endereço residencial, escolar e de locais onde os pais trabalham, mesmo pensando que são amigos virtuais. Por outro lado, precisa conscientizá-los sobre os tipos de crimes que são praticados *on-line* e para

o fato de que o anonimato e a menoridade não os isentarão das punições previstas em lei. E mesmo que a maioria de cyberbullying não ocorra dentro da escola, os professores precisam estar atentos às relações interpessoais, pois tudo se inicia com uma piadinha na sala de aula e para nas redes sociais.

2.6. Casos de bullying

Existem vários casos de bullying, mas dois deles me chamaram a atenção. Eles tiveram o maior número de repercussão na internet e os mais comentados até hoje. Um, nos Estados Unidos, e outro, no Brasil. Ambos os casos conseguiram mostrar o cyberbullying, numa tentativa de se lutar para que esse tipo de violência ou agressão diminua.

Primeiro caso

Ghyslain Raza resolveu gravar um vídeo de si mesmo em que imitava o vilão Darth Maul, de Star Wars, empunhando um taco de golfe como um sabre de luz. Aparentemente, Raza fez a gravação porque iria participar de uma apresentação no colégio e queria conferir como estava seu desempenho. No entanto, os colegas do menino roubaram o material e o postaram na internet. O vídeo se transformou em um viral. Raza virou alvo de um dos mais violentos ataques de cyberbullying de todos os tempos, e a confusão acabou se transformando em um processo judicial.

Dez anos se passaram, e pela primeira vez, em todo esse tempo, Ghyslain Raza resolveu comentar o caso. Ele relembra os comentários maldosos sobre as mensagens dos internautas sugerindo que cometesse suicídio. Além disso, o menino no tempo com 14 anos perdeu todos os amigos que tinha, teve que mudar de colégio, aguentou os insultos dos colegas da instituição que estava e acabou em um hospital psiquiátrico. Sobre acabar com a própria vida, Raza admite que chegou a considerar seriamente a possibilidade.

Hoje Ghyslain Raza é formado em Direito e decidiu falar sobre sua triste experiência, ao perceber uma escalada em casos de cyberbullying no mundo que, em muitos casos, acabam levando as vítimas a cometerem suicídio. Ele reforça que, se elas viverem a mesma situação novamente, as autoridades estudantis devem lhes dar mais apoio e conscientizá-las de que não estão sozinhas.

O profissional precisa estar atento às situações em que o jovem é constrangido e humilhado, especialmente na escola. A intervenção deve ser ponderada e, se, de um lado, deve fazer cessar a humilhação, de outro, deve estimular a vítima do cyberbullying a ser capaz

de se defender, para evitar uma superproteção prejudicial. Bom senso, ação proativa e manutenção de um diálogo permanente dos professores com alunos são fundamentais.

Segundo caso

Em 2013, o caso de Júlia Gabriele, brasileira, estudante de 12 anos, repercutiu muito nas redes sociais, pois ela foi mais uma vítima de cyberbullying promovido por algumas páginas de humor do facebook. Nelas postaram fotos da menina e fizeram brincadeiras desagradáveis sobre seus pelos faciais. Algumas pessoas descobriram o perfil de Júlia, e as ofensas passaram das páginas de humor para seu perfil pessoal, com o envio de fotos de instrumentos cortantes, pinças e aparelhos de depilação.

Antes de apagar sua conta no twitter, Júlia fez um apelo e pediu que as pessoas parassem com a maldade que estavam fazendo com ela. Muitos hoje acham que estão protegidos por estarem atrás de uma tela de computador e acham que ninguém saberá que tipos de brincadeiras maldosas eles praticam com o próximo e não sabem das consequências que isso pode lhes proporcionar. Com o avanço tecnológico, o cyberbullying foi descoberto com mais facilidade. Por essa razão, recomenda-se a quem sofre ou sofreu algum tipo de bullying ou cyberbullying que denuncie e que não tenha receio, para evitar que essas pessoas continuem praticando esse tipo de violência.

No bullying escolar, é necessário dialogar com a direção da escola e promover a capacitação dos funcionários e dos professores para lidarem com o problema e tentar, o máximo possível, manter um diálogo aberto e franco com todos os envolvidos, com o intuito de se procurar uma solução que seja aceita pelo grupo e internalizada e duradoura para aquele ambiente escolar.

Crianças e adolescentes, sujeitos em formação, sofrem com mais intensidade as agressões do bullying, por não estarem amadurecidos e não terem mecanismos psicológicos de defesa fortes o suficiente para enfrentar esse tipo de adversidade. Mais que os adultos, tendem a se fechar, a não contar as agressões para os pais e professores por vergonha, medo de retaliação dos bullies e sentimento de culpa.

3. Considerações finais

No decorrer do trabalho sobre o fenômeno bullying, vimos que as escolas só identificam algumas características do fenômeno e apresentam dificuldades de compreender as diversas situações que envolvem o bullying. Talvez tal situação ocorra porque é muito mais complexa do que se pode imaginar, visto que engloba características diversas e trata-se de

uma violência contínua e sufocante, que compromete o desenvolvimento da criança e provoca diversos traumas e bloqueios que repercutem em toda a sua vida.

Nessa perspectiva, consideramos que a escola pode ser o caminho para influenciar na mudança da ideia, comportamentos e valores, tanto para os profissionais atuantes da escola, que precisam estar preparados para enfrentar o bullying, quanto para os alunos, que serão capazes de agir de forma responsável nas diversas situações. Acabar definitivamente com o bullying pode parecer uma utopia, em uma sociedade capitalista e individualista, onde ter é mais importante do que o ser, mas é um desafio que nos inspira a lutar por um mundo melhor, por uma sociedade mais justa para as gerações futuras, e isso só será possível quando nenhuma vítima do bullying se esconder por trás de suas lágrimas, de seu sofrimento e de seu silêncio.

O combate a esse tipo de violência escolar exige a colaboração de todos para a construção de uma sociedade diferente e mais justa. Para tanto, é preciso que cada um faça sua parte e contribua para a formação de uma sociedade melhor. Mais do que não concordar, é preciso contestar e não aceitar que tais brincadeiras se instalem ao nosso redor, por imitação ou qualquer outra forma de reprodução. Importante ressaltar que as práticas de bullying estão bem arraigadas em nossa cultura e não será uma tarefa fácil eliminá-las.

O primeiro passo consiste em diagnosticar o problema, verificar em que grau ele está e iniciar um trabalho de conscientização com todos os envolvidos. Precisamos dar um basta a esse sofrimento silencioso das vítimas e estender as mãos para que retomem o curso normal de suas vidas e o prazer de viver suas potencialidades sem medo. Nesse sentido, compreendemos que a escola precisa ser um local seguro, tranquilo e agradável, para que a criança aprenda a se socializar, a desenvolver responsabilidades, a defender ideias e, acima de tudo, a assumir sua autonomia.

Ao falar do cyberbullying, podemos dizer que é um dos que as crianças e os jovens sofrem e praticam, pois eles têm acesso fácil à internet e facilidade de manusear computador, tablete e smartfone. O estudo mostrou que as vítimas sofreram com as humilhações que passaram devido ao bullying e conseguiram vencer o preconceito que, no início, foi difícil, pois sofreram, choraram, passaram por psicólogo, mas depois, o querer e a vontade de lutar e de esquecer o aconteceu e de seguir suas vidas foram mais fortes. É necessário mostrar às crianças e aos adolescentes que não se pode deixar que alguém os humilhe e os use como objetos. Todos nós temos o direito de viver a vida como quisermos, e não, como a sociedade nos obriga a ser.

Hoje, alguns jovens ainda têm medo de se assumir com medo de sofrer bullying, mas outros enfrentam, apesar de saber que podem sofrer algum tipo de preconceito, pois vivemos em um mundo onde tudo é motivo de chacota e de difamação.

SUMMARY

This article aims to clarify a phenomenon still little known, reflected and present in schools: school bullying and cyberbullying. There is research that shows that aggression among students, whether physical or moral, has consequences for both the perpetrator and the victim. Although the testimonies indicate that events occurred with young people who have been bullied, they have overcome possible traumas, it is up to parents and schools to take responsibility for children and to prevent bullying. We conclude that bullying prevention by taking measures can prevent the growth of school violence among children and young people.

Keywords: School bullying. Aggression. Preconception.

5. REFERÊNCIAS

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying**: o que você precisa saber: identificação, prevenção e repressão. Niterói, RJ: Impetus, 2009.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2. ed. Campinas: Versus, 2005 .

OLWEUS, Dan. **Bullying at school**: what we know and what we cando. London, Lackwell, 1993.

MARQUES, Melissa. Entenda o caso de Júlia Gabriele, a adolescente brasileira que sofreu cyberbullying. Acessado em: <http://todateen.com.br/souassimtt/entenda-caso-julia-gabriele-adolescente-brasileira-sofreu-cyberbullying>. Data: 13/03/2017, às 14:30h.

MARTINS, Maria José D. Agressão e vitimização entre adolescentes em contexto escolar: um estudo empírico. **Revista Análise Psicológica**. Out. 2005. 23, nº. 4, p.401-425. ISSN 0870-8231.

MONTEIRO, Lauro. **Documentário Educação: “Não me bully também”**. TV Novo Tempo, 2011.

ARATANGY, Lídia. **Documentário Educação: “Não me bully também”**. TV Novo Tempo, 2011.

SIMMONS, Raquel. **Garota fora do jogo**: a cultura oculta da agressão nas meninas. Trad. Talita M. Rodrigues. São Paulo; Rocco, 2004.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying**: mentes perigosas nas escolas. Rio de Janeiro, Objetiva, 2010.

TAMANINI, Maria Luciana Rincon Y. Star Wars Kid: conheça um dos casos mais famosos de cyberbullying do mundo. Acesso em: <http://www.megacurioso.com.br/cultura-nerd/36513-star-wars-kid-conheca-um-dos-casos-mais-famosos-de-cyberbullying-do-mundo.htm>. Data: 13/03/2017, às 13:00 h.

